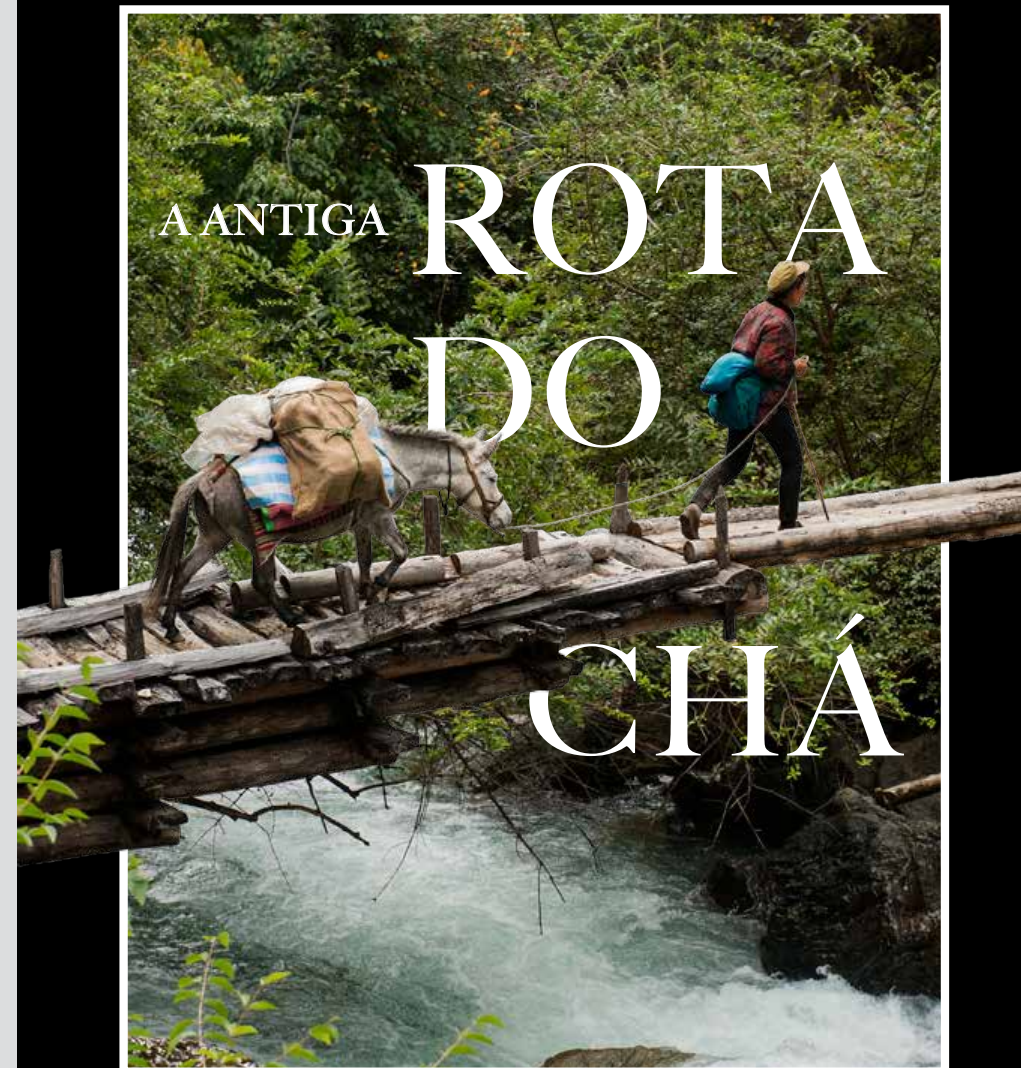




Instalado em um trecho particular da bela Ha My Beach e próximo à histórica cidade de Hoi An – Patrimônio Mundial da Humanidade pela Unesco –, o **Four Seasons Resort the Nam Hai** apresenta uma conexão autêntica com a cultura da região. Conexão, que começa pelo belo spa inspirado nas filosofias do mestre zen vietnamita Thich Nhat Hanh. O clima de tranquilidade e excelência é estendido aos serviços, delicados e personalizados, e à gastronomia com restaurantes que privilegiam as gastronomias vietnamita e indiana. As *villas* do Four Seasons, ideais para viagens em família ou para casais em lua de mel, têm vistas para o mar, piscinas particulares e acesso direto à Ha My Beach.



As paisagens incomuns de Yunnan em uma caravana surpreendente pelo sudoeste da China.

POR JULIANA ANGOTTI

IMAGENS THOMAS GOISQUE

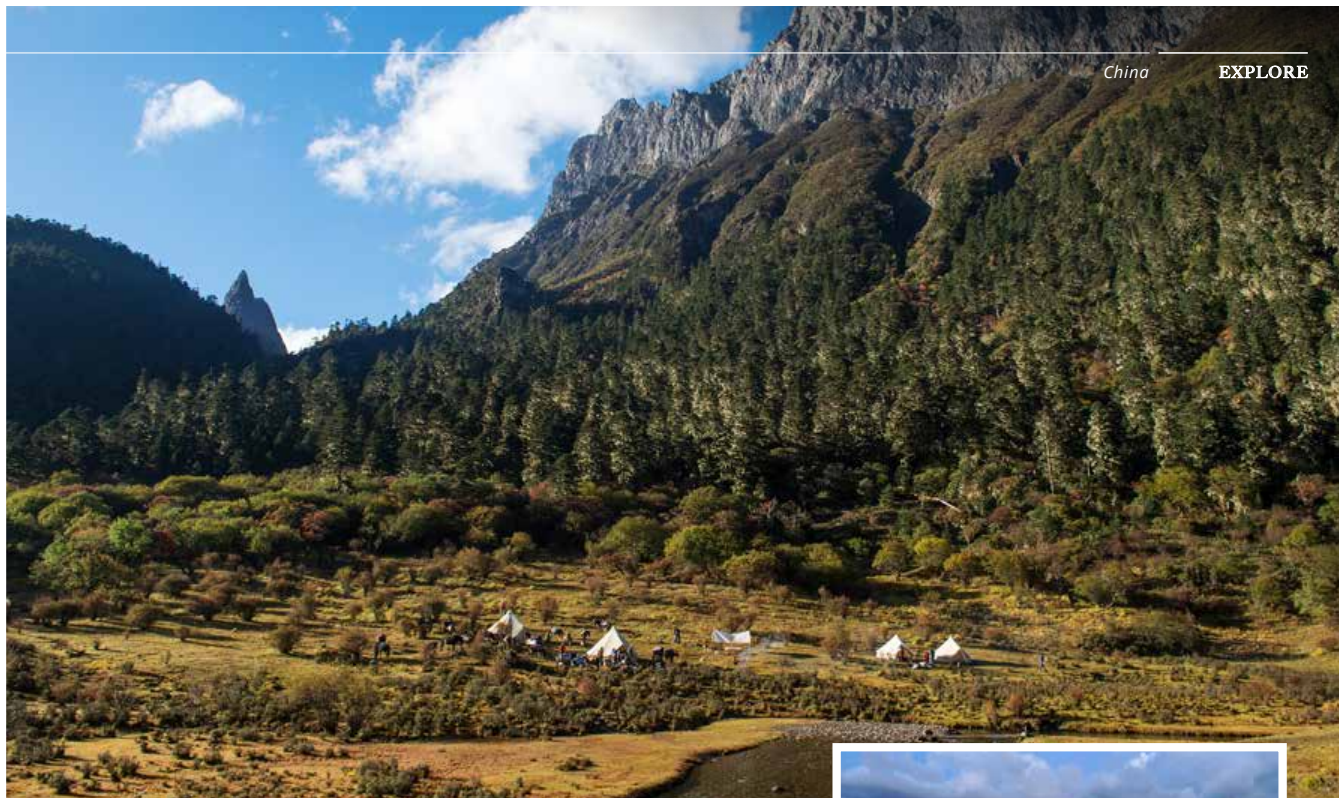


Texto revisado Clau.  
SADAQ, FAVOR APROVAR.

A caravana contava com quarenta cavalos, trinta guias tibetanos e mais de duas toneladas de material.

Mais do que mudar de país, foi quase como mudar de planeta: da movimentação ruidosa de Paris às paisagens inexploradas de Yunnan, região da China que faz fronteira com Myanmar, Laos e Vietnã. Aterrissei em Shangri-La, a 3.160 metros de altitude e fui direto para o mosteiro budista de Songzanlin, cuja semelhança com o Potala – o palácio do Dalai Lama, no Tibete –, e a vista da cordilheira do Himalaia impressionam. Talvez pela sensação de bem-estar que me trazem, sempre gostei dos mosteiros budistas da Ásia e da “música” das orações sussurradas pelos monges. E ao me despedir da loucura do dia a dia, comum de qualquer grande cidade, comecei a respirar melhor.

Trinta minutos de estrada cercada de montanhas nos levam ao *Camp Liotard*, uma fazenda de pedra e de madeira, restaurada por Constantin, um francês que mora nessa região há quase vinte anos. Em 1937, a Sociedade dos Exploradores Franceses foi criada por antropólogos, cineastas e exploradores, como Alexandra David-Neel, uma de minhas escritoras preferidas, que foi a primeira mulher ocidental a pisar em Lhassa, no Tibete, na época em que a



cidade era completamente fechada para os estrangeiros. A possibilidade de seguir seus passos pelo Tibete me enchia de emoção! Outro membro ilustre da sociedade, o geólogo Louis Liotard – morto na região, em 1940 – serviu de inspiração para a casa de Constantin, batizada como *Camp Liotard*, e para as Caravanes Liotard, expedições que revivem as antigas rotas do chá desde o século 7.

Inspirada pelas histórias de Alexandra e Louis, embarquei na caravana. Logo no início da jornada, Constantin nos aconselha a ir com calma e preparar o corpo para o que vem pela frente. Caminhar com



essa altitude acaba sendo bem difícil: o coração dispara por causa do esforço físico, perdemos o fôlego e temos que respirar profundamente para acalmar o sopro. Durante a subida, nos esquecemos de tudo e, praticamente, só nos concentramos nos passos que começam a deixar nossas pegadas pelo caminho. Ao redor, as paisagens incomuns são uma recompensa pelo esforço: florestas de larício e de pinheiros, torrentes e cascatas geladas, azaléas, montanhas cobertas de neve no horizonte. Atravessamos a planície de Ringha com seus pastos cheios de yaks. Desfiladeiros acima de 4 mil metros de altura e a cadeia de montanhas de Yading complementam o cenário até chegarmos ao lago sagrado de Abouje. Por um momento, quebramos o silêncio para ouvir, solenemente, os ruídos da natureza.

Os 60 quilômetros que percorremos a pé, em quatro dias de trekking por trilhas estreitas e não mapeadas, nos levam a descobrir lugares que estão completamente desconectados do século 21. Conforme o tempo passa, parece que nos conectamos novamente a essência de nosso mais primário "eu". Todos os nossos sentidos trabalham para fazer o corpo funcionar. Escutar o disparo do coração por causa do esforço físico, respirar e acalmar o sopro para se concentrar no próximo passo. E enxergar, de longe, o próximo desfiladeiro, que será nossa próxima etapa de superação.

É impossível não pensar nos grandes escritores e poetas – Henry David Thoreau, Rick Bass, Dan O'Brien, para citar alguns, que antes desbravaram os Himalaias. Durante o trajeto, me

À noite, no acampamento, os jantares eram à luz de velas e as conversas avançavam noite a dentro.



## QUANDO IR

março a maio e outubro a novembro

## ESSENCIAL

Nesta região de fronteira entre China e Tibete, a cordilheira do Himalaia domina os cenários que inspiram à contemplação. As paisagens nas antigas rotas de chá entre os dois países incluem lagos, montanhas e vastos campos, que podem ser observados durante os dias de caravana.

## ONDE FICAR

### Camp Liotard

Vale de Ringha

Uma antiga fazenda, hoje totalmente restaurada, serve de base para o acampamento, localizado a poucos minutos de Shangri-la. As tendas montadas com todos os confortos modernos são o ponto de partida para as rotas de trekking tibetanas.

diverti com curiosidades contadas pelo meu guia como a travessia feita por um americano, chamado Joseph Rock, que foi enviado pela *National Geographic Society* para explorar a região. Para impressionar os Senhores do Tibete que permaneciam quase medievais, ele viajou com uma caravana que contava com criados e confortos como banheira, louça de porcelana, copos de cristal, tapetes e tendas, acreditando que este aparato garantiria sua segurança.

Nossa caravana nada deixa a desejar a realizada por Joseph Rock: quarenta cavalos, trinta guias tibetanos acompanhando todos os nossos passos, mais de duas toneladas de material – tendas Bell superconfortáveis (o *Rolls Royce* dos acampamentos!), camas, tapetes, almofadas, prataria e louças da Europa – já que, em cada parada, o descanso é merecido. Ao acordarmos, o café da manhã é servido quentinho, e durante as paradas que fazemos para o almoço, um equipado piquenique é montado. Durante a tarde, somos surpreendidos com chazinho e *scones* saindo do forno. E antes dos jantares, que são servidos à luz de velas, aperitivos são preparados em meio a conversas animadas, que, se dependesse de nós, iriam varar a noite.

Só posso dizer que os efeitos dessa odisseia, quase onírica, no espaço e no tempo, permanecem em meu imaginário. Basta fechar os olhos para reviver a paz e resgatar na memória as belas imagens da natureza ainda intocada que percorremos. Uma experiência inesquecível e transformadora. ■